

Darcy Ribeiro morreu ensinando antropologia

Filho da diretora-executiva da Rede Sarah, a quem contou histórias de índios e deu noções da ciência, foi o último aluno

Hugo Marques, Isabel de Paula,
Lydia Medeiros e Mônica Gugliano

• BRASÍLIA E RIO. O antropólogo Darcy Ribeiro morreu fazendo o que mais gostava: dar aula. Quarenta e oito horas antes de seu coração parar, já internado em estado muito grave no Hospital Sarah Kubitschek, o senador passou uma hora e meia contando histórias sobre índios e dando noções de antropologia a Felipe Braga, de 9 anos, filho da diretora-executiva da Rede Sarah, Lúcia Willadino Braga, acompanhante inseparável de Darcy em seus últimos dias. Felipe chegou a levar histórias em quadrinhos para se distrair, mas acabou se interessando pela conversa de Darcy.

— Sou um livro. Tenho 74 anos, fiz uma universidade, 500 escolas (Cieps) e o Sambódromo. Você pode entender por que uma pessoa faz uma universidade ou um Sambódromo? A universidade reúne o conhecimento científico e erudito e o Sambódromo a cultura popular. Você deve saber que os dois são muito importantes para um país — ensinou.

Ida para o hospital, decisão adiada até o limite

Ontem, as amigas Vera Brant e Teresa Teixeira — que não saíram de perto de Darcy — estavam inconsoláveis. Chorando muito, Vera lembrava as conversas com Darcy e do quanto ele relutou em voltar ao hospital na semana passada. Desidratado e enfraquecido, preocupou os amigos no dia 9. Na terça-feira, o diretor do Sarah Kubitschek, Aloysio Campos da Paz, telefonara a Vera:

— O Darcy não está nada bem. Precisa vir para o hospital.

Vera conversou com Darcy:

— Você está muito displicente com sua saúde. Vamos amanhã para o hospital.

Darcy concordou em internar-se na quarta-feira. Mas falou pouco sobre o assunto. Quando Vera foi buscá-lo no apartamento, Darcy desconversou:

— Filha, eu vou. Vou, sim. Mas amanhã. É que chegaram umas pessoas, preciso terminar uns projetos e conversar com elas. Amanhã, às duas horas, estaremos lá no Sarah.

No sábado, reuniu Vera e Teresa. Brincou com as duas, pedindo-lhes que fossem amigas mesmo depois de sua morte. Até porque, raciocinou, sem ele uma não precisava ter ciúme da outra.

Nos últimos momentos, a necessidade de dividir a aflição

Cada minuto antes da morte foi aproveitado ao máximo. Darcy tinha urgência em falar, conta Lúcia. No sábado, já com dificuldades respiratórias por causa do câncer generalizado, ao ser conduzido no elevador, virou-se para um estranho e confessou:

— Viver é muito bom. Eu não quero morrer.

Mais tarde, pediu o impossível a Vera:

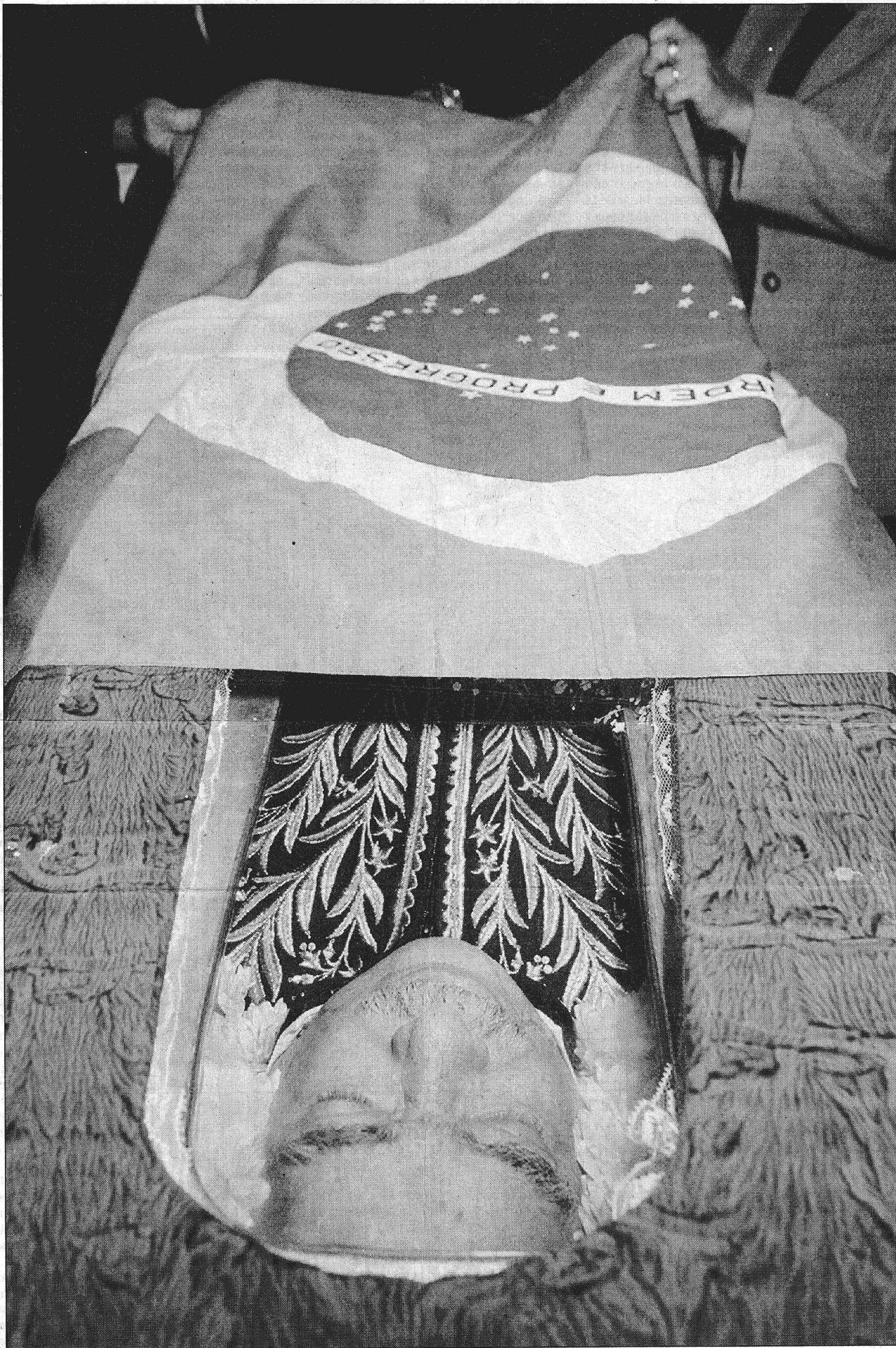
— Filha, vamos fazer assim: você morre e eu fico.

No domingo, quando seu estado de saúde se agravou, Darcy foi levado para o Primeiro Estágio, uma espécie de UTI. Inquieto e rebelde como sempre, ainda conseguiu ligar para Lúcia e protestar:

— Me trouxeram para um lugar estranho. Estou com vontade de fugir — disse, ameaçando repetir a atitude tomada no Rio, quando escapou da UTI de um hospital mesmo sem alta médica.

— Me espera, que nós vamos fugir juntos — respondeu Lúcia.

Depois, já sob sedativos, falou ao telefone com a última de suas companheiras, Irene Ferraz, de 38 anos. Após a conversa, ela decidiu ir vê-lo. Chegou ao hospital



O CORPO DE DARCY Ribeiro no Salão Negro do Congresso Nacional: risos e lágrimas durante as 13 horas e meia que durou o velório em Brasília

dez minutos antes de o coração de Darcy parar.

— Ele gostava muito das mulheres. Fazia a gente descobrir nosso potencial. Tinha projetos com todas. A sensação que tenho é a de que uma estrela se apagou. Era um sedutor, um apaixonado, uma luz — emocionou-se Irene.

Nos últimos meses, Darcy praticamente só trabalhava em casa. Foi montado um gabinete em seu apartamento e dois assessores se revezavam em dois turnos. Incansável, Darcy pedia que fossem também aos sábados e domingos. Conversava o dia inteiro.

Também no hospital, Darcy falava ao telefone sem parar. Já convencida de que a saúde do se-

nador estava muito mal, Vera começou a pedir aos amigos que lhe telefonassem. Na sexta-feira à noite, Darcy falou com o arquiteto Oscar Niemeyer.

— Vou morrer — avisou.

— Que nada! Você e eu ainda vamos viver mais 20 anos — respondeu o amigo.

Darcy passou as últimas horas dividido entre a vontade de viver e o cansaço de lutar com o câncer. De madrugada, depois de um dia ruim, em que até as visitas foram proibidas, Darcy reuniu forças para se levantar da cama, tomar banho e fazer a barba.

Na manhã de segunda-feira, ele foi levado às pressas para a Unidade de Tratamento Intensivo.

Darcy Ribeiro estava morrendo.

O caixão com o corpo embalsamado de Darcy foi liberado do Hospital Sarah Kubitschek por volta de 1h. Ao pé da rampa do Congresso esperavam por ele o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), e os senadores Beni Veras (PSDB-CE), Ramez Tebet (PMDB-MS), Carlos Patrocínio (PFL-TO) e Eduardo Suplicy (PT-SP). Também estavam ali a amiga há 40 anos Vera Brant, que dirige a Fundação Darcy Ribeiro, a assessora e amiga Teresa Teixeira e a cunhada Jaci. Abatido, o único irmão, Mário, passou a madrugada no apartamento de Darcy, só chegando ao velório de manhã.

Políticos de todos os partidos foram homenagear Darcy. Os índios, uma de suas paixões, foram representados pelo cacique Marcos Terena e por Samira, uma xavante. Deixaram ao lado do caixão flores do cerrado em pequenos vasos feitos pelos índios kadiwéu, com os quais ele viveu. Às 15h, na presença do presidente Fernando Henrique Cardoso, o caixão desceu a rampa do Congresso, carregado por cadetes da Polícia Militar. Foi transportado num carro de bombeiros até a Base Aérea. Saiu aplaudido.

Eram quase 2h quando o governador do Distrito Federal, Cristóvam Buarque, aproximou-se do caixão, que acabara de chegar ao

Congresso. Amigo de longa data, não resistiu ao comentário:

— Esta é a primeira vez que vejo Darcy sem rir.

Nas 13 horas e meia em que o corpo foi velado, risos e lágrimas se misturaram. Amigos, índios, pedetistas e admiradores choraram. Mas era difícil esquecer as recordações dos episódios passados com um homem de quem lembravam, essencialmente, pelo bom humor diante da vida e até da morte.

Problemas com avião e carro do corpo de bombeiros

O caixão viria para o Rio no Boeing presidencial, mas houve uma pane do avião e ele foi trazido por um Bandeirante. A comitiva de deputados e senadores que o acompanhava foi dividida em mais dois aviões pequenos. Quase chegando à Avenida Perimetral, quando era transportado para a Academia Brasileira de Letras, o carro do Corpo de Bombeiros que o levava ferveu, mas o incidente foi logo contornado.

O corpo chegou à ABL às 20h30m, sob chuva e aplausos. Foi carregado até o Salão dos Poetas Românticos, onde será velado até a tarde de hoje para ser levado ao Mausoléu da ABL, no Cemitério São João Batista.

“Ao eterno amigo, nossas saudades. Fidel Castro Ruz.” A faixa, envolvendo a coroa de flores enviada ao prédio da Academia Brasileira de Letras pelo Consulado de Cuba, concentrou as atenções dos cem militantes do PDT que começaram a se juntar por volta das 16h para esperar o caixão.

— Fidel Castro mandou uma coroa, gente! — gritou um militante, atraindo para o lado de fora do prédio, mesmo sob chuva, dezenas de companheiros.

Militantes do PDT disputam espaço com intelectuais

Os pedetistas, que cobriram com bandeiras do partido as laterais da escadaria da ABL, disputavam espaços com acadêmicos, políticos e intelectuais. A presidente da ABL, Nélida Piñon, se desdobrava nos preparativos para o funeral, que, conforme previra no início da tarde, reuniria seguidores e admiradores populares e eruditos do imortal.

— Tomara que haja essa junção. A Academia não é estática, é viva. Vamos abrir todas as portas para as crianças não se confundirem com a arquitetura e saberem que estão pisando numa casa de um Brasil grandioso, como Darcy sempre viu o país, e não de um Brasil mesquinho — disse Nélida, recordando que sua recente posse foi a última vez que Darcy esteve na ABL. — Quando olhei para ele, me jogou um beijinho. Eu, discretamente, joguei outro.

— Infelizmente, não teremos mais a irreverência com que ele falava, de certa forma desestabilizando padrões de comportamento da Academia, o que mostra que é um homem do futuro — disse o imortal Arnaldo Niskier.

Das rodas de pedetistas, intelectuais ou amigos, a todo momento saía uma risada. O jeito Darcy de ser, alegre e irreverente, era sempre o motivo. A ex-assessora Elyan Dellaperuta — que hoje trabalha com a primeira mulher de Darcy, a antropóloga Berta Ribeiro — negava aos jornalistas indiscretos que tivesse tido algum caso com o senador.

— Não foi por falta de tentativa da parte dele — dizia.

Dos Estados Unidos, o prefeito Luiz Paulo Conde pediu ao prefeito em exercício, Eider Dantas, que desse o nome de Darcy, criador do Sambódromo, à Passarela do Samba. O decreto foi assinado ontem mesmo. ■

Givaldo Barbosa